

A IMPORTÂNCIA DA QUANTIDADE SILÁBICA EM LATIM: POEMAS DE HORÁCIO E MARCIAL

- Laura Rosane Quednau & Amanda Duarte Blanco -



RESUMO: *The aim of this paper is to analyse the behavior of enclitic stress in lexical words increased with the enclitic -que in Latin. We will present some notions about Latin accent, associated to the idea that the weight of the syllables is fundamental to the enclitic stress. Contrasting this theory to the collected corpus in Horacios's and Marcial's poems, we perceive that, applying the theory of metrical phonology, it is possible to analyse the padrons of stress making use of two different patterns of metrical feet: moraic trochee and uneven trochee.*

PALAVRAS-CHAVE: *Acento. Enclítica. Latim. Fonologia Métrica. Troqueu.*

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é a análise do acento em palavras acrescidas da enclítica *-que* em língua latina. Assim, foram selecionados dois autores de diferentes épocas da literatura latina: Horácio, autor da fase clássica romana, e Marcial, escritor da fase pós-clássica latina. Analisaremos, portanto, o comportamento do acento em combinações de palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que*, embasados na necessária dependência entre quantidade silábica e acento. Para tal estudo, serão apresentadas noções relacionadas à Fonologia Métrica e suas aplicações em alguns dos exemplos pesquisados, bem como a análise dos possíveis pés métricos para a língua latina: o troqueu mórico e o troqueu irregular.

2 ACENTO EM LATIM: PERSPECTIVA TRADICIONAL

Em latim clássico, a acentuação das palavras depende da quantidade da penúltima sílaba, ou seja, do tempo despendido em sua duração. As sílabas podem ser de longa ou breve duração em latim, o que vai influir, como veremos, diretamente na acentuação latina: o acento recai na penúltima sílaba se esta for longa; caso a penúltima sílaba seja breve, o acento recairá na sílaba anterior, ou seja, na antepenúltima da palavra.

Devemos ressaltar que, em latim, o acento nunca recai na sílaba final e todos os dissílabos

recebem acento na penúltima sílaba. Logo, podemos reunir em dois grandes grupos as palavras de três sílabas ou mais, em um grupo os dissílabos e em outro os monossílabos:

- a) palavras de três ou mais sílabas penúltima sílaba longa: *fidēlis* (o acento recai na penúltima sílaba, por esta ser longa, ex. *fidēlis*). penúltima sílaba breve: *impērium* (o acento recai na antepenúltima sílaba, por ser a penúltima breve, ex. *imperūm*).
- b) dissílabos: *sīlva* (como o acento em latim nunca recai na sílaba final, a não ser em monossílabos, o acento só pode incidir sobre a penúltima sílaba, independente do peso desta, ex. *sīlva*).
- c) monossílabos: *cor* (os monossílabos terminados em vogal longa ou consoante são todos tônicos, ex. *cōr*).

Porém, estas são as regras mais gerais em relação à acentuação latina. Como vimos, a noção de quantidade silábica é muito importante. Listaremos, agora, normas mais específicas sobre quantidade da sílaba, para que possamos compreender melhor as regras de acentuação latina da época clássica.

2.1 Regras gerais de quantidade latina

- a) Toda sílaba que contenha um ditongo ou uma vogal resultante de contração é longa (*aurum*).
- b) Toda vogal seguida de duas ou mais consoantes, de *x*, *z* ou *i* (consoante) é geralmente longa (*līx*). Uma das consoantes pode ser a primeira da

Laura Rosane Quednau é professora da UFRGS.

Amanda Duarte Blanco é graduada em Licenciatura em Letras/UFRGS e bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS (2003-2004).



palavra seguinte (*pēr me*). Na prosa, será necessariamente breve a sílaba da vogal que vier seguida de um grupo consonântico formado de oclusiva mais *r* (*br; cr; dr; dr; pr*), porém na poesia poderá ser breve ou longa (*volūcris, volūcris*).

- c) Vogal seguida de vogal é geralmente breve, mesmo que entre elas haja um *h* (*pūer*).

2.1.1 Em relação aos monossílabos:

- a) Todos os monossílabos terminados em vogal são longos (*tū*). **Excetuam-se as enclíticas *-que, -ne, -ve*.**
- b) Se os monossílabos que terminam em consoante forem substantivos, são longos (*bōs*). Excetuam-se *vīr; mēl, fēl, cōr; ōs* (*ossis*), *rēm, spēm*.
- c) Se os monossílabos que terminam em consoante não forem substantivos, são breves (*sūm*). Excetuam-se *ēn, quīn, nōn, crās, cūr; sīc, āc, hōc, hāc, hūc, ēs* (contração de *edis*), *dīc, dūc, plūs, nōs, vōs*.

2.1.2 Em relação aos polissílabos terminados em vogal:

- a) As palavras terminadas em *a* possuem, geralmente, a última sílaba longa (*trigintā*). No nominativo e no vocativo da 1ª declinação, no nominativo, vocativo e acusativo plural dos neutros (*templā*), o *a* final é breve.
- b) O *e* final é geralmente breve (*ponē*). No ablativo singular da 5ª declinação (*diē*), no ablativo singular de *fames* (*famē*), na 2ª pessoa do singular do imperativo presente ativo da 2ª conjugação (*monē*) e nos advérbios formados de adjetivos de 1ª classe, o *e* final é longo.
- c) O *i* final é geralmente longo (*oculī*). O *i* final é breve em *nisī, quasī, sicutī, necubī, sicubī, cui* e é ancípite (breve ou longo) em *mihi, tibi, sibi, ibi*.
- d) O *o* final é geralmente longo (*oculō*). Entretanto, *egō, duō, octō, modō, immō*, têm o *o* breve. Os dissílabos e os trissílabos que têm a penúltima longa têm geralmente o *o* final breve (*virgō*) e muitos dissílabos que têm a penúltima breve tem o *o* final ancípite (*homo*).
- e) O *u* final é geralmente longo (*genū*).

2.1.3 Em relação aos polissílabos terminados em consoante única:

- a) Quando a consoante final não é *s*, a última sílaba é geralmente breve (*magistēr*), excetuando-se os advérbios terminados em *-c*: *illūc, istūc,*

istāc, adhūc etc.

- b) As sílabas finais *-as, -es, -os* são geralmente longas (*rosās*).
- c) As sílabas finais *-is* e *-us* são geralmente breves (*tempūs*).

Grifamos a regra relacionada às enclíticas, pois este é objeto de nossa análise. As enclíticas *-que, -ne, -ve*

“...que, na pronúncia, se apóiam ao vocábulo que as precede, formando com esse um todo fonético, também na escrita formam uma unidade vocabular com a palavra precedente, vindo apenas a ela.”
(Quednau, 2000:15)

Partindo deste pressuposto, que é compartilhado por diferentes estudiosos da língua latina, veremos a seguir diferentes perspectivas acerca do estudo da enclítica *-que*.

3 A IMPORTÂNCIA DA QUANTIDADE SILÁBICA EM PALAVRAS ACRESCIDAS DA ENCLÍTICA –QUE

Temos por pressuposto, para a análise do acento em palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que*, a necessária dependência entre o acento e a quantidade silábica. Desta forma, corroboramos conceitos de diferentes estudiosos da língua latina. Said Ali, por exemplo, defende que

“se tem aplicação geral a muito conhecida regra de acentuação latina segundo a qual o lugar do ictus depende da quantidade da penúltima sílaba, a esta regra estarão sujeitas as combinações de vocábulos com alguns dos enclíticos *que, ne, ve*.”
(Said Ali, 1956:2)

O autor, portanto, insere a acentuação das combinações com enclíticas na regra geral de acentuação latina. O também gramático Pe. Valente (1973), em sua Gramática Latina, explicita que a acentuação em palavras com enclíticas depende da quantidade da sílaba que antecede a enclítica e defende que, em relação às proparoxítonas, as enclíticas levam o acento para a sílaba que as precede, independente de sua quantidade silábica, ex., *corporáque*. Said Ali, também tratando de proparoxítonas, porém, defende que

“o monossílabo *-que* (ou *ve, ne*), inscreve-se, por costume, à palavra precedente, porém a métrica o desassocia, dando-lhe valor de sílaba longa (caso da diástole) para formar um espondeu ou um novo dátilo, ora fundindo-o, por elisão,

com a sílaba inicial da palavra imediata.”
(Said Ali, 1956:3)

Para o autor, portanto, a enclítica não move do seu lugar próprio o icto do vocábulo precedente terminado em vogal breve, ainda que tal vocábulo seja um proparoxítono. Sobre essa questão, Allen (1973:161) chega à conclusão de que a combinação palavra lexical acrescida de enclítica *-que* foi geralmente acentuada como uma única palavra, mas que pronúncias alternativas foram no mínimo concebíveis e metricamente aceitáveis, nas quais a enclítica foi tratada como mais ou menos separada, não afetando, desta forma, a acentuação isolada da palavra lexical.

Corroborando a tese de que a acentuação em palavras com enclíticas depende da quantidade da penúltima sílaba, citamos Comba (1961), no livro Gramática Latina (p.302):

“As enclíticas exigem o acento na última sílaba da palavra à qual se unem: *aliã+que* (e outra) pronuncia-se *aliáque*; *rosã+que* (e pela rosa), pronuncia-se *rosáque*. A essa regra costuma-se acrescentar que a palavra à qual se une a enclítica, conserva o próprio icto, se for paroxítona e sua última sílaba for breve: *rosã+que* (e a rosa) pronuncia-se *rósaque*.”

Porém, Faria (1957) defende que as enclíticas que, na pronúncia, se apóiam ao vocábulo que as precede, formando com esse um todo fonético, também na escrita formam uma unidade vocabular com a palavra precedente, vindo apenas a ela. O autor ressalta que estas enclíticas unidas à palavra precedente determinam a mudança do acento tônico da palavra, fazendo-o incidir obrigatoriamente sobre a sílaba que as precede, isto é, a penúltima do conjunto vocabular, *seja qual for a quantidade da mesma*. (Faria, 1957: 138).

Analisaremos o acento em palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que* em versos de Catulo e Marcial, baseados no pressuposto de que há necessária dependência entre quantidade silábica e acento, como anteriormente mencionado. Desta forma, o acento em combinações de palavras lexicais e enclíticas é percebido como parte da regra geral da acentuação latina, segundo a qual o acento depende da quantidade da penúltima sílaba da palavra. Logo, para as combinações analisadas, o acento depende da quantidade da sílaba imediatamente anterior à enclítica *-que*.

Não serão trabalhadas neste estudo palavras

proparoxítonas acrescidas da enclítica, porém apresentamos brevemente algumas noções referentes à acentuação em tais combinações.

4 ANÁLISE DOS VERSOS

Para analisarmos o acento das combinações selecionadas de versos de Horácio e Marcial, primeiramente explicitaremos algumas noções referentes à métrica latina.

Em latim, os versos são divididos em pés (uma determinada combinação de sílabas longas e breves). Cada pé é, portanto, uma distribuição rítmica de sílabas longas e breves. Um certo número de pés compõe os versos dos poemas. É importante grifarmos que, na métrica latina, uma sílaba longa pode ser substituída por duas breves, e vice-versa. Logo, pode-se substituir dáctilos por espondeus.

Vejam os pés mais utilizados :

- A) Pés de quatro tempos
 - Dáctilo ($\bar{\quad} \sim \sim$): uma longa e duas breves
 - Anapesto ($\sim \sim \bar{\quad}$): duas breves e uma longa
 - Espondeu ($\bar{\quad} \bar{\quad}$): duas longas
- B) Pés de três tempos
 - Troqueu ($\bar{\quad} \sim$): uma longa e uma breve
 - Iambo ($\sim \bar{\quad}$): uma breve e uma longa
 - Tríbraco ($\sim \sim \sim$): três breves

Os tipos de versos em latim são muito numerosos, e cada um deles possui uma estrutura métrica característica. Nos poemas pesquisados, primeiramente escandimos os versos, ou seja, os dividimos em seus pés métricos. Neste processo de escansão, definimos quais são as sílabas longas e breves, bem como onde recai o acento do pé, a *arsis*. Contrastando os acentos das palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que* isoladas do contexto do poema, podemos verificar se houve mudança do acento inicial da palavra ou não.

Os versos têm a última sílaba livre, podendo ser longa ou breve, e alguns possuem o recurso da cesura, que é um corte, ou pausa, que se dá quase sempre em um mesmo pé.

Os seguintes versos serão utilizados como exemplo:

- Asclepiadeu menor: é composto de um espondeu, dois coriambos e um iambo.

Estrutura métrica:

$\bar{\quad} \bar{\quad} \sim \sim / \bar{\quad} // \sim \sim / \sim \sim / \bar{\quad} \sim$

- Hexâmetro dáctílico: é composto de seis dáctilos, sendo que qualquer um dos quatro primeiros pode ser substituído por um espondeu, o quinto é



geralmente insubstituível, sendo sempre dátilo.

Estrutura métrica :

--- / --- / --- / --- / --- / ---

- Dístico elegíaco: é composto de um hexâmetro dátilico e um pentâmetro.

Estrutura métrica:

--- / --- / --- / --- / --- / ---

--- / --- / --- / --- / --- / ---

Vejamos, portanto, os versos já escandidos que foram selecionados como exemplos. Após o verso, aponta-se o autor, a obra, o poema e o verso, além do tipo de verso no qual se enquadra.

Sēmō / tīquē prī / ūs // tārđā nē / cēssī / tās
(Horácio, livro I, ode III, v. 32 – asclepiadeu menor)

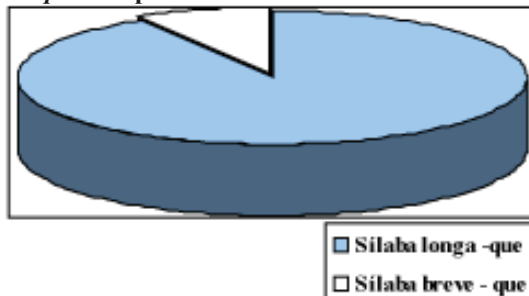
Pērmīx / tūs sōnī / tūs // bēllāquē / mātrī / būs
(Horácio, livro I, ode I v. 24 – dístico elegíaco)

Īctā grā / vī tē / lō cōn / fōssāquē / vūlnērē / mātēr
(Marcial, Epigramas, livro XIII, v.1 – hexâmetro dátilico)

Quōd māg / nī Thrāsē / āe cōn / sūmmā / tīquē Cā / tōnīs
(Marcial, Epigramas, Livro I, poema VIII v.1- hexâmetro dátilico)

Analisamos 173 versos dos dois autores, e conforme podemos observar no gráfico abaixo, 91% (158 combinações) das palavras observadas nos versos possuem a estrutura sílaba longa seguida da enclítica –que, ou seja, a sílaba imediatamente precedente à enclítica é longa. Como já visto, o acento recai na sílaba imediatamente anterior à enclítica, como em *sēmō tīquē* e *cōnsūmmā tīquē*.

Corpus dos poemas de Horácio e Marcial.



Porém, na parte de cor branca do gráfico, percebemos que a estrutura das 15 palavras observadas (9% do corpus total) é a seguinte: sílaba de duração breve acrescida de enclítica. Portanto, o acento recairá na sílaba imediatamente anterior à

penúltima sílaba da combinação.

5 ANÁLISE PELA PERSPECTIVA DA FONOLOGIA MÉTRICA DOS EXEMPLOS SELECIONADOS

Após explicitarmos a importância da quantidade silábica em relação à acentuação latina sob a perspectiva de gramáticos da língua, apresentamos uma série de conceitos fundamentais da fonologia métrica para compreensão e análise de alguns exemplos do *corpus* de nosso trabalho. Apresentaremos dois tipos de pés métricos para a língua latina, testando-os e discutindo as diferenças entre eles.

Segundo a visão da Fonologia Métrica, o acento deixa de ser atribuído de forma linear a vogais. É o resultado da estruturação hierárquica dos constituintes prosódicos, cujas unidades básicas são as sílabas, o pé e a palavra. Nesta teoria, o acento é o resultado da proeminência entre sílabas; para tal, o estabelecimento dos possíveis constituintes métricos (pés métricos) e a localização do acento a partir da segmentação das sílabas nestes constituintes se faz fundamental. Logo, o acento decorrerá de como as sílabas se organizam em pés métricos.

Apresentaremos algumas noções fundamentais sobre a Fonologia Métrica, para que, em um segundo momento, analisemos alguns exemplos retirados da pesquisa dos poemas dos autores clássicos latinos estudados.

5.1 Sílaba longa e breve x sílaba pesada e leve

Como vimos, o latim é uma língua na qual a quantidade silábica é significativa, ou seja, para que uma sílaba em latim seja pesada, é necessário que ela possua uma vogal longa ou termine por consoante (seja ramificada). Se a penúltima sílaba for pesada, ela receberá o acento. Breve é toda sílaba que não seja ramificada ou não possua uma vogal longa.

5.2 A extrametricidade

A extrametricidade é um recurso muito usado na fonologia. Em latim, devemos sempre considerar a última sílaba extramétrica, para que possamos, desta maneira, constituir os pés métricos. A extrametricidade

“tem o poder de tornar invisíveis certos segmentos... ajusta a palavra prosódica



ao domínio das regras gerais da atribuição do acento, a fim de que as generalizações possam ser alcançadas.”

(Bisol, 1994, p:26)

É estritamente necessário que o segmento seja periférico. Devemos, após considerar o segmento extramétrico, acrescentá-lo como membro fraco de um pé adjacente (Regra da Adjunção da Sílabo Perdida, de Hayes).

5.3 Pés métricos

Hayes (1992) propôs três tipos básicos de sistemas de acento, que abarcam todos os sistemas de acentuação encontrados nas línguas:

a) troqueu silábico: insensível ao peso silábico, com constituinte binário de cabeça à esquerda. Ou seja, ignora quantidade silábica, tem proeminência inicial e é um pé dissilábico. Estrutura:

$$(1) \begin{matrix} (X \ .) \\ (\acute{o} \acute{o}) \end{matrix}$$

b) troqueu mórico: sensível ao peso silábico, com constituinte binário de cabeça à esquerda. Este pé considera o peso (conta as moras, que são unidades de tempo). Sílabas pesadas têm duas moras e formam sozinhas um pé; portanto, um pé é formado por duas moras. Este seria o pé métrico da língua latina. Estruturas:

$$(2) \begin{matrix} (X) (X \ .) \\ (\bar{\quad}) (\sim \sim) \end{matrix}$$

c) iambo: sensível ao peso silábico, com constituinte binário, com cabeça à direita. Neste pé, o elemento mais forte encontra-se à direita. Estruturas:

$$(3) \begin{matrix} (X) (\ .X) \\ (\bar{\quad}) (\sim \bar{\quad}) \end{matrix}$$

5.4 Pés degenerados

Os pés inventariados por Hayes (1992) são binários, formados por duas sílabas ou duas moras, como vimos acima. Entretanto, às vezes ocorre a formação de pés menores, os chamados pés degenerados, que podem ser definidos, à primeira vista, conforme Hayes (1992, p.85) como sílabas leves únicas em sistemas que respeitam peso silábico (iambos e troqueus móricos) e sílabas únicas em sistemas insensíveis à quantidade (troqueus silábicos). São esses os menores pés logicamente

possíveis nesses sistemas:

$$(4) \begin{matrix} \text{a) Troqueu silábico} & \text{b) Troqueu mórico} & \text{c) Iambo} \\ (x) & (x) & (x) \\ \sigma & \sim & \sim \end{matrix}$$

Se pés degenerados não forem permitidos na língua em questão, muitas palavras incluirão sílabas não-escandidas, que simplesmente serão deixadas como perdidas. Por outro lado, se pés degenerados forem permitidos, tais sílabas terão sua formação de pé como em (4). Em latim, não são admitidos pés degenerados, isto é, palavras monossílabas lexicais são sempre pesadas, seja por terminarem em vogal longa, seja por terminarem em consoante.

5.5 Regra Final

Aplica-se a Regra Final após a formação dos pés métricos binários das palavras. Com o objetivo de determinar o acento primário das mesmas (pela proeminência relativa destes pés binários), é necessário incluir as sílabas que ficaram extramétricas, ou seja, fora do domínio prosódico, para atribuir o acento em questão.

5.6 Troqueu irregular x troqueu mórico

Nosso objetivo aqui é verificar qual é o tipo de pé métrico mais adequado para uma análise do acento em latim clássico. Verificamos, na literatura sobre o assunto, que dois pés são possíveis, o troqueu mórico e o troqueu irregular. Passamos aqui a definir o segundo destes, sobre o qual ainda não tínhamos tratado.

O troqueu irregular é um pé sensível à quantidade, com cabeça à esquerda, e é irregular porque, a partir de (X .) ou (X), ele pode apresentar-se das seguintes maneiras: como / $\bar{\quad}\sim\bar{\quad}$ /, / $\sim\bar{\quad}\bar{\quad}$ / ou como apenas uma sílabo, que deve ser, necessariamente, pesada / $\bar{\quad}$ /.

O acento em latim pelo troqueu irregular tem as seguintes estruturas:

- (X) / $\bar{\quad}$ / (penúltima sílabo pesada). Nesse caso, a penúltima sílabo recebe o acento e a palavra é, portanto, paroxítona.
- (X .) / $\bar{\quad}\sim\bar{\quad}$ /, / $\sim\bar{\quad}\bar{\quad}$ / (penúltima sílabo leve). Nesse caso, o acento recai sobre a antepenúltima, independente do peso desta.

Como veremos a seguir, uma análise pelo troqueu mórico ou pelo troqueu irregular faz as mesmas predições de acento em latim clássico, mas resulta estruturas métricas diferentes no caso de palavras com a penúltima sílabo leve. Desta forma,



baseados em Quednau 2000, apresentaremos três argumentos em defesa do uso do troqueu irregular.

Como já mencionado, uma análise pelo troqueu mórico ou pelo troqueu irregular não acarreta alteração na atribuição do acento, porém, resulta estruturas métricas distintas no caso de palavras com a penúltima sílaba leve, com diferença de peso na antepenúltima, como em *flūmina* e *impērium*.¹

Uma vez que o troqueu mórico e o troqueu irregular são igualmente bem-sucedidos no que diz respeito à atribuição de acento em latim clássico, é necessário verificar se há motivação independente que sustente a diferença de constituição de pé entre as formas. Para tanto, é necessário examinar um processo sensível ao acento: o processo de síncope. Se um processo desse tipo trata tais formas da mesma maneira, deve haver evidência para estrutura métrica idêntica, de acordo com o troqueu irregular; mas se o processo discrimina essas formas, é argumento em favor da estrutura métrica diferente, de acordo com o troqueu mórico. Quednau (2000) constatou que no processo de síncope não há motivação independente para a diferença em estrutura métrica.

Um segundo argumento em defesa do troqueu irregular é o fenômeno de redução da vogal, típico de línguas de pé de duração irregular. Além desses dois, a possibilidade de descrever a evolução da estrutura métrica do latim clássico para o latim vulgar como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado é o terceiro argumento em defesa do troqueu irregular. Essa evolução poderia ser descrita, dentro da proposta de Hayes (1992) como uma evolução de um troqueu mórico com extrametricidade da sílaba final (latim clássico) para um troqueu silábico sem extrametricidade da sílaba final (latim vulgar).

Vejamos, nos exemplos retirados da pesquisa, uma análise do acento em palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que* pelo troqueu irregular e pelo troqueu mórico de acordo com os padrões de acentuação que vimos no gráfico e nos exemplos já expostos.

1º tipo: sílaba que antecede *-que* = pesada (ou longa). O acento recairá na sílaba imediatamente anterior à enclítica. Vejamos os exemplos, onde EX= extrametricidade, TM = troqueu mórico, TI= troqueu irregular e RF= regra final.

Análise pelo troqueu mórico:

(5)

	sē mō tī quē	cōn sūm mā tī quē
EX	< >	< >
TM	(X)	(X)
RF	(X)	(X)

Análise pelo troqueu irregular:

(6)

	sē mō tī quē	con sūm mā tī quē
EX	< >	< >
TI	(X)	(X)
RF	(X)	(X)

2º tipo: sílaba que antecede *-que* = leve (ou breve). O acento recairá na sílaba que antecede a imediatamente anterior à enclítica, independentemente do peso desta. Vejamos os exemplos, onde EX= extrametricidade, TM = troqueu mórico, TI= troqueu irregular e RF= regra final.

a) Análise pelo troqueu mórico

Tipo $\bar{\sim}$

(7)

	cōn fōs sã quē	bēl lã quē
EX	< >	< >
TM	(X)	(X)
RF	(X)	(X)

Tipo $\sim\sim$

(8)

	mū nē rã quē ²	op tã tī ã quē
EX	< >	< >
TM	(X .)	(X .)
RF	(X)	(X)

b) Análise pelo troqueu irregular:

Tipo $\bar{\sim}$

(9)

	cōn fōs sã quē	bēl lã quē
EX	< >	< >
TI	(X .)	(X .)
RF	(X)	(X)

Tipo $\sim\sim$

(10)

	mū nē rã quē	op tã tī ã quē
EX	< >	< >
TM	(X .)	(X .)
RF	(X)	(X)

Observemos que a regra final nos dois pés testados para a língua latina mantém-se a mesma, porém há diferença em relação à estrutura métrica quando analisamos o acento de palavras em que a penúltima sílaba (que precede a enclítica) é leve (2º tipo). Um processo sensível ao acento, como a síncope, permite, pelo troqueu irregular ((9) e (10)), demonstrar o apagamento da vogal penúltima postônica como o apagamento do membro fraco do pé. Já numa análise pelo troqueu mórico ((7) e (8)), essa generalização não é possível, uma vez que há diferença de constituição entre os exemplos, formando-se uma estrutura do tipo (X) quando a penúltima sílaba é pesada, e (X .) quando a penúltima sílaba é leve. Podemos concluir, então, que há motivação independente para a constituição de pé baseada no troqueu irregular, pois, assim, a síncope pode ser entendida como um processo baseado no pé. (O assunto é tratado mais detalhadamente em Quednau (2000, seção 4.3).)

É necessário ainda que se faça uma observação sobre as combinações de proparoxítonas com partículas enclíticas, que apresentam uma particularidade em relação ao acento. Nos dados não encontramos proparoxítonas, mas segundo Quednau (2000), as proparoxítonas latinas acrescidas da enclítica *-que* não têm seu acento inicial deslocado em função do acréscimo da enclítica.

O enclítico não move do seu lugar próprio o ictus do vocábulo precedente terminado em vogal breve, ainda que tal vocábulo seja um proparoxítono. O monossílabo *-que* (ou *-ne*, *-ve*) escreve-se, por costume, unido à palavra precedente; porém a métrica o desassocia, ora dando-lhe valor de sílaba longa (caso da diástole) para formar um espondeu ou novo dátilo, ora fundindo-o, por elisão, com a sílaba inicial da palavra imediata. (Said Ali, 1956:14)

Exemplos

- *cōrpōrā / que āgrēs / tī nū / dāt prāe / dūrā pā / lāestrā* (Virg., *Georg.*, 2,531)
- *līmīnā / quē lāu / rūsqvē dē / ī, tō / tūsquē mō / vērī* (Virg., *En.*, 3,91)

Como a última sílaba da palavra que precede a enclítica nos exemplos acima é leve, o procedimento normal, de acordo com a regra geral de acentuação latina (regida pela quantidade da penúltima sílaba), seria o acento incidir sobre a sílaba

precedente, o que produziria os resultados incorretos: **corpóraque* e **limínaque*. De fato, o que se observa nos versos é que, considerando o conjunto vocabular, parece que o acento recai na quarta sílaba a contar da direita, **cōrporaque*, **liminaque*; entretanto, dessa forma, seria violada a Restrição da Janela de Três Sílabas para o acento.³

Então, podemos constatar os seguintes fenômenos ao tratarmos de itens lexicais proparoxítonas acrescidas da enclítica *-que*: a elisão (fusão) da enclítica com a palavra seguinte, desta forma não pertencendo ao domínio prosódico do acento, por exemplo, *cōrpōrā / que āgrēs / tī nū / dāt prāe / dūrā pā / lāestrā* (Virg., *Georg.*, 2,531), e o fenômeno do alongamento da vogal da partícula enclítica, pois, sendo pesada, poderá receber o acento, como podemos observar no seguinte exemplo: *līmīnā / quē lāu / rūsqvē dē / ī, tō / tūsquē mō / vērī* (Virg., *En.*, 3,91). O assunto é tratado mais detalhadamente em Quednau (2000), na análise de versos hexâmetros.

Seguem as estruturas métricas dos exemplos das proparoxítonas.

Pelo troqueu mórico

(11)

	cōr pō rā que	lī mī nā que
EX	<ra>	<na>
TM	(X)	(X)
RF	(X)	(X)

Pelo troqueu irregular

(12)

	cōr pō rā que	lī mī nā que
EX	<ra>	<na>
TI	(X .)	(X .)
RF	(X)	(X)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-nos de exemplos retirados das odes de Horácio e Marcial, explicitamos a importância da quantidade silábica na acentuação latina de palavras acrescidas da enclítica *-que*. Concluimos, portanto, que as combinações de palavras lexicais terminadas em sílaba pesada acrescidas da enclítica recebem acento na sílaba imediatamente anterior à enclítica; caso a palavra lexical termine em sílaba leve, o acento desloca-se para a sílaba imediatamente anterior à mesma, ou seja, a antepenúltima do conjunto lexical.

Quednau (2000) observou o comportamento das proparoxítonas acrescidas da enclítica e concluiu que estas combinações não têm seu acento inicial deslocado em função do acréscimo da enclítica. Desta forma, constatou os seguintes fenômenos: a elisão (fusão) da enclítica com a palavra seguinte quando esta iniciar por vogal, e o fenômeno do alongamento da vogal da partícula enclítica quando a palavra seguinte começar por consoante.

Após a apresentação de noções da fonologia métrica, levantou-se a hipótese de trabalho do acento em palavras latinas a partir de dois tipos diferentes de pés métricos: o troqueu mórico e o troqueu irregular, em um trabalho de ampliação de dados da pesquisa de Quednau e escolha de outro tipo de verso que não somente o hexâmetro. Porém, nos exemplos recolhidos dos poemas, não há diferença na Regra Final no uso de um ou outro pé métrico. Já nos exemplos em proparoxítonas de Quednau (2000), podemos observar as diferenças em relação à utilização dos pés métricos, pois, em decorrência do peso da antepenúltima sílaba, configuram-se duas estruturas métricas diferenciadas: (X .) pelo troqueu irregular e (X) pelo troqueu mórico, no caso de palavra com penúltima sílaba leve. Ressalte-se que é uma diferença apenas em estrutura métrica, sem acarretar alteração na atribuição do acento. A vantagem da utilização do troqueu irregular sobre o troqueu mórico só pode ser percebida quando do uso de uma regra que faz referência ao acento, como a síncope. Maiores detalhes podem ser encontrados em Quednau (2000, p.175).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALLEN, W. Sidney. *Accent and rhythm – prosodic features of latin and greek: a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

BISOL, Leda. O acento em pé binário. *Letras de Hoje*, v.29, n.4, p. 25. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

COMBA, Júlio. *Gramática latina: para os ginásios, colégios, seminários, exames vestibulares e cursos superiores*. São Paulo: Salesiana, 1961.

FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. 2. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Draft, 1992.

QUEDNAU. *O acento do latim ao português*

arcaico. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. SAID ALI M., *Acentuação e versificação latinas*. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

VALENTE, Milton. *Gramática Latina: para as quatro séries do ginásio*. Porto Alegre: Selbach, 1973.

Notas:

¹ Os exemplos foram retirados de Quednau, 2000.

² Os exemplos *mūnērāquē* e *optāntiāquē* foram retirados de um outro trabalho (no prelo) anterior sobre o acento em palavras lexicais acrescidas da enclítica *-que* em poemas de Catulo, realizado pelas autoras. Estes exemplos podem ser encontrados na obra “O livro de Catulo”, de tradução de João Angelo Oliva Neto, SP, EDUSP, 1996. A combinação de palavra lexical e enclítica *mūnērāquē* encontra-se no poema n° 68, verso n°10 e *optāntiāquē* encontra-se no poema n°107, verso n°1.

³ Essa restrição é um filtro que não permite que se ultrapasse o limite máximo em que transita o acento, (no caso do latim, as três últimas sílabas da palavra).